Dia 16 — Santa Juliana, Virgem e Mártir

Pelo fim do terceiro século, e durante a cruel perseguição de Maximiano, um jovem senador chamado Eluzo, ou Evilásio, pretendeu casar-se com uma donzela de Nicomédia, por nome Juliana, ilustre por seu nascimento, mas muito mais ilustre por seu mérito pessoal e por suas singulares prendas.

O pai de Juliana era gentio e um dos mais ardentes perseguidores dos cristãos que havia em Nicomédia. A mãe, naturalmente inimiga das superstições, nenhuma religião professava. A filha, mais prudente, mais entendida que os pais, não achando na idolatria coisa alguma que não chocasse uma razão sã e desembaraçada, havia-se instruído secretamente em nossa religião e era cristã. Não contente com isto, desenganada da vaidade e dos falsos brilhos do mundo, havia resolvido não ter jamais outro esposo que Jesus Cristo, nem aspirar a outros bens nem a outras honras que as do céu.

Nesta resolução estava quando seus pais, crendo que não se lhe podia oferecer partido mais vantajoso, a prometeram a Eluzo. Ficou estranhamente surpreendida quando ouviu da boca de seu mesmo pai que tudo estava já concluído e que naquele mesmo dia havia de vir visitá-la aquele que estava destinado para esposo seu.

Alentada interiormente com uma nova graça sobrenatural e acesa com o maior desejo de ser fiel a Jesus Cristo, recebeu Eluzo com muita cortesia, mas com muito maior modéstia; mas, como só buscava algum arbítrio para sair bem do empenho em que a haviam posto, sem consultar sua inclinação nem seu gosto, deu-lhe a entender que não poderia consentir naquela boda enquanto não o visse juiz e prefeito da cidade.

Pareceu-lhe este meio tanto mais feliz quanto era mais plausível e não se fazia verossímil que Eluzo pudesse obter jamais este emprego. Mas, como o jovem senador era benquisto do imperador e sua paixão por Juliana era extrema, conseguiu à força de empenhos e de dinheiro o cargo que pretendia, embora fosse o supremo na judicatura. Tomou posse dele e, depois de ter assistido a algumas audiências, enviou um recado cortesão a Juliana, oferecendo à sua disposição a prefeitura.

Não podendo já dissimular mais nossa santa, mandou-lhe dizer que celebrava muito vê-lo colocado num emprego de tanta honra; mas que ainda lhe faltava dar outro passo sem o qual seria tão grande a desproporção entre os dois que não podiam prometer-se nem gosto nem felicidade; que era preciso que se fizesse cristão, como ela o era, e que, renunciando a superstição dos gentios, abraçasse uma religião fora da qual não há ventura nem salvação.

Facilmente se pode discorrer quão surpreendido ficaria o novo prefeito ao ouvir este inesperado mensageiro. Sem perder tempo parte no mesmo instante em busca do pai de Juliana e lhe dá conta do que sua filha lhe havia respondido. Arrebatado este de cólera, respondeu ao prefeito com voz desentoada e lançando centelhas pelos olhos: Pois eu te juro que, se é verdade o que acabas de me dizer, eu mesmo hei de ser o fiscal de minha má filha, e tu hás de ser o juiz. Dizendo e fazendo, volta-lhe as costas cheio de furor; entra no quarto de Juliana e, dissimulando seu enojo, disse-lhe em tom de pai, mas de pai admirado e aturdido: Que é isto, filha? Acaso perdeste o juízo? Ignoras porventura quanta honra é ser mulher do prefeito de Nicomédia?

Bem sei, senhor — respondeu a santa —, que para a vaidade de uma mulher não pode haver maior atrativo que ser a primeira dama da cidade; sei também que o senhor Eluzo é um cavaleiro de grandes prendas, de conhecido mérito; mas não é cristão, e sem esta ilustre qualidade todas as demais estimo em nada. Abandonado o pai a seu furor ao ouvir estas palavras, exclamou cheio de sanha: Pois eu te juro pelos deuses Apolo e Diana que, se prosseguires em falar desta maneira, eu mesmo irei pôr-te entre as garras das feras, porque mais quero ver-te despedaçada e convertida em pasto de leões que ver-te cristã.

Fareis, senhor, o que for de vosso agrado — respondeu a santa —; mas o respeito que vos professo e o carinho com que vos amo como a meu querido pai nunca poderão fazer-me desobediente a meu Deus. Vós, se gostardes, podereis expor-me aos tigres e aos leões, podereis fazer que me queimem viva numa fogueira; mas eu sou cristã, e toda a minha ventura e toda a minha glória a tenho colocada em viver e em morrer por Jesus Cristo.

Movido, ou ao menos suavizado, o pai de Juliana ao ouvir umas palavras tão prudentes e tão respeitosas, mudando de tom, disse-lhe com lágrimas nos olhos: Rogo-te, filha minha, que lances de ti um capricho tão insensato, que só pode ser efeito de algum maligno feitiço. Não queiras perder a fortuna que te entra pelas portas; olha que há erros que não se podem emendar, cujo arrependimento é eterno e sem remédio; em suma, eu te tenho já concedida ao prefeito; já não é tempo de deliberar; está empenhada minha palavra, e é preciso que te cases com ele.

Parece, pai e senhor — replicou a generosa donzela —, que não acertei a explicar-me bem, visto que ainda esperais que sois capaz de mudar-me; já vos tenho declarado que não há tormento algum que me faça titubear na fé nem na perseverança. Torno a dizer que sou cristã e que nenhuma coisa do mundo poderá fazer-me perder esta ilustre qualidade.

Ofendido e irritado o pai ao ouvir uma determinação tão resoluta, passou de colérico a furioso e, perdendo todo o sentimento de humanidade, tratou com bárbara crueldade a santa filha. Teria expirado entre suas mãos à violência de uma recia chuva de pauladas que descarregou sobre ela se não a tivessem arrancado; o que não foi ainda assequível senão com a expressa condição de que seria entregue ao prefeito, para que a julgasse e sentenciasse segundo os editos dos imperadores tocante à religião.

Ao vê-la comparecer o prefeito em seu tribunal, toda moída pelos cruéis golpes que havia recebido, sentiu que se tornava a acender o fogo de sua paixão; e, esquecido de que era juiz, lembrando-se de que era amante, disse-lhe entre terno e compadecido: Que encantos, senhora, que feitiços podem ter induzido uma dama de vossa qualidade e de vosso mérito a impressionar-vos nas

extravagâncias ridículas dos cristãos? Ignorais porventura as desditas em que vos precipitaria vossa teimosia se não depondes quanto antes essas vaníssimas ideias? Mas, sem entrar por ora em questões de religião, haveis-vos esquecido, Juliana, da esperança que me fizestes conceber e dos passos que me obrigastes a dar? Desejáveis ver-me colocado em emprego mais distinto que o de mero senador, já me vedes aqui prefeito; por que deméritos incorri em vossa indignação desde que me vejo nesta primeira praça? Crede-me, senhora, crede-me, mudai de parecer, sacrificai aos deuses; e, pondo em segurança vossa vida e vossa honra, sede, como podeis, a primeira senhora de Nicomédia.

A quem tem a ventura de ser cristã — replicou a santa — fazem muito pouca impressão todas essas vãs honras. Não suspirava meu coração por vosso cargo, mas por vossa salvação. Desejava apaixonadamente ver-vos renunciar o culto dessas quiméricas divindades; e, se é que vos devo ainda alguma inclinação, não adoreis mais que o verdadeiro Deus, fazendo-vos cristão.

Não deixou de fazer alguma força a Eluzo a súplica de Juliana, e se traslucem bem, tanto pelo ar como pelo trêmulo da voz, as dúvidas que o agitavam: Bem quisera — respondeu-lhe — condescender com vossos desejos; mas já vedes que arrisco os bens, o emprego, a vida, tudo arrisco. Se me faço cristão, incorro na desgraça do imperador e nunca me perdoará este delito. — Pois quê, senhor — replicou Juliana —, vós temeis tanto a um príncipe mortal e ao mesmo tempo quereis que eu irrite a cólera do céu pelo maior de todos os pecados?

Conhecendo o prefeito que já se começava a suspeitar se era cristão, entrou numa estranha cólera e, convertido o amor em furor, mandou despedaçar o corpo da santa com açoites tão cruéis, de um modo tão horrível, que se fatigaram as forças de seis verdugos, ficando cansados e rendidos. Depois mandou suspendê-la pelos cabelos; e em seis horas que durou este suplício inchou-se-lhe tanto o semblante e ficou tão desfigurada que não se a poderia conhecer. Durante estes tormentos não pronunciou mais que estas palavras: Senhor meu Jesus Cristo, filho único de Deus vivo, vinde socorrer-me. Ofereceu-lhe o juiz que a faria curar de suas feridas se queria sacrificar aos deuses: Não tenho necessidade — respondeu-lhe — de semelhantes remédios; meu Salvador Jesus Cristo, em quem tenho colocada toda a minha confiança, é bastante poderoso para fazer-me triunfar de todos os teus suplícios, com vergonhosa confusão dos demônios, que são os principais autores deles. Mais irritado o tirano com esta réplica, fez destilar sobre todo o seu corpo estanho derretido e que ao mesmo tempo a abrasassem com tochas acesas; mas, vendo que tudo era inútil, mandou levá-la ao cárcere.

Ao entrar Juliana num espantoso e lóbrego calabouço, suplicou ao Senhor que lhe desse forças para tão duro combate. Não me abandoneis, meu Deus — dizia-lhe —, nos tormentos que padeço por vossa glória: favorecei-me como favorecestes os três meninos em meio do forno e a Daniel no lago dos leões; em vós tenho posta minha confiança: não serei eternamente confundida.

Envergonhado o demônio de ver-se vencido por uma donzelinha de dezoito anos, não poupou meio algum para fazê-la cair em seus laços. Apareceu-lhe em figura de anjo; mas a mesma graça que a havia feito triunfar de toda a malícia dos homens tirou-a facilmente vitoriosa de todo o artifício dos demônios.

Enquanto isso, esperando o prefeito que as dores e o tempo poderiam ter debilitado a constância de nossa santa, manda que a tragam à sua presença, adula-a, roga-lhe, ameaça-a, insta-lhe para que ao menos queira salvar aquele pouco de vida que lhe resta sacrificando aos deuses; mas, achando-a a cada instante mais firme, depois de tê-la feito padecer a tortura e o fogo, de que a livrou Deus milagrosamente, sentenciou-a por ordem do imperador Maximiano a que lhe cortassem a cabeça, juntamente com cento e trinta soldados que a mesma santa havia convertido. Sucedeu o glorioso triunfo de Santa Juliana no dia 16 de fevereiro, pelos anos do Senhor de 308.

Tendo sido restituída a paz à Igreja pelo grande imperador Constantino, uma piedosa senhora chamada Sinfrônia, passando por Nicomédia a Roma, obteve o corpo de Santa Juliana; mas, tendo-se embarcado, obrigou-a uma furiosa tempestade a saltar em terra perto da cidade de Pozzuoli, onde a virtuosa matrona edificou um suntuoso templo em honra de nossa santa e colocou nele suas preciosas relíquias. Ali estiveram até que os lombardos destruíram todo o país, com cujo motivo foram trasladadas primeiro a Cumas e depois a Nápoles, onde ao presente são veneradas com muita devoção.

São Juliano e Cinco Mil Companheiros Mártires

Neste dia faz comemoração o Martirológio Romano de São Juliano e cinco mil companheiros mártires, sem especificar-nos os gêneros de tormentos que padeceram. Barônio escreve que foi Juliano bispo de Alexandria, elevado àquela cátedra no ano de 180, primeiro do imperador Cômodo; e Eusébio afirma que foi chefe de um considerável número de mártires. Segundo nos instruem os menológios gregos, na cruel perseguição que suscitaram contra a Igreja os imperadores Diocleciano e Maximiano, na qual, por assim dizer, corriam pelo Oriente arroios do inocente sangue dos cristãos, foi tal a carnificina que fez neles Marciano, presidente do Egito, homem bárbaro e desumano, que, por temor de tempestade tão desfeita, refugiou-se São Juliano, com grande número de fiéis de seu rebanho e outros muitos bispos e sacerdotes, no grande mosteiro de Adrianópolis, discorrendo estar seguros naquele retiro. Mas, sabendo os pagãos a concorrência dos fiéis àquele asilo, acometeram com indizível sanha o mosteiro; e, animado então Juliano daquele valor e espírito que constitui o caráter dos chefes apostólicos, saindo a eles, declarou-se defensor da santa comitiva. Fez-lhes cargo da injustiça com que se perseguia a inocência dos cristãos, repreendeu-os sobre o sacrilégio que cometiam no insulto daquele sagrado lugar e não omitiu meio nem expressão alguma que pudesse contribuir a manifestar-lhes o nenhum motivo que tinham para proceder com semelhantes violências contra os que resistiam aos decretos infundados dos príncipes do mundo, opostos diametralmente aos preceitos do Deus verdadeiro, criador do céu e da terra, dirigidos a que prestassem os homens adorações sacrílegas aos demônios, deidades quiméricas representadas nos simulacros dos ídolos. Não cabe em ponderação as diferentes classes de tormentos de que se valeram os gentios para render a fortaleza daquele herói, que, sem temor de suas tiranias, se apresentou de rosto firme a impugnar

seus delírios, perseverando na defesa da religião de Jesus Cristo com o mesmo valor e brio que principiou seu combate, até os últimos alentos de sua vida. Pelo que, enfurecidos os pagãos, deram morte a cinco mil pessoas que se achavam em sua companhia, as quais se mantiveram constantes na fé, seguindo o exemplo de seu caudilho. São João Crisóstomo escreve um elogio muito singular de São Juliano, na homilia que traduziu em latim do idioma grego Frontão Ducão, no tomo III de suas obras; cuja notícia deve ter-se presente para não confundir este santo, como alguns escritores o fazem, com São Juliano, esposo de Santa Basilisa, de quem faz memória o Martirológio Romano no dia 9 de janeiro.

Martirológio Romano

A festa de Santo Onésimo, de quem fala São Paulo em sua epístola a Filêmon e a quem sagrou bispo de Éfeso depois da morte de São Timóteo, confiando-lhe o ministério da pregação evangélica. Levado preso a Roma, foi ali apedrejado pela fé de Jesus Cristo. Seu corpo foi enterrado primeiramente naquela cidade, desde onde o trasladaram depois a Éfeso.

Em Cumas, na Campânia, a trasladação de Santa Juliana, virgem e mártir, a qual, no tempo do imperador Maximiano, foi primeiramente maltratada com grande rigor em Nicomédia por Africano, seu pai; depois atormentada de diferentes maneiras pelo prefeito Evilásio, com quem recusou casar-se; levada à prisão, lutou visivelmente com o demônio; por fim, tendo saído viva do fogo e de uma caldeira de água fervendo, cortaram-lhe a cabeça, e assim consumou seu martírio.

No Egito, São Juliano, que foi martirizado com outros cinco mil.

Em Cesareia da Palestina, os santos mártires Elias, Jeremias, Isaías, Samuel e Daniel, egípcios, os quais, tendo servido voluntariamente aos confessores condenados às minas da Cilícia, foram presos a seu regresso e, depois de terem sido cruelmente atormentados pelo presidente Firmiliano, no tempo do imperador Galério, os passaram a cutelo. Depois deles, São Porfírio, criado do mártir São Pânfilo, e São Seleuco da Capadócia, que haviam saído vitoriosos de muitos combates, sendo novamente atormentados, receberam a coroa do martírio, um no fogo e o outro pela espada.

Em Arezzo, na Toscana, o bem-aventurado Gregório X, natural de Piacenza, o qual foi promovido de arcediago de Liège a sumo pontífice. Celebrou o segundo concílio geral de Lyon, no qual se obrou a reunião dos gregos, compuseram-se as desavenças dos príncipes cristãos e se resolveu a recuperação da Terra Santa. Governou santissimamente a Igreja.

Em Bréscia, São Faustino, bispo e confessor.

Missa (oração)

A missa é do comum das virgens e mártires, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Indulgentiam nobis, quæsumus, Domine, beata Juliana virgo et martyr imploret: quæ tibi semper grata extitit et merito castitatis et tuæ professione virtutis: Per Dominum nostrum Jesum Christum Filium tuum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que nos concedais o perdão de nossos pecados por intercessão da bem-aventurada virgem e mártir Juliana, que sempre vos foi tão grata, assim pelo mérito de sua virginal pureza como pela gloriosa confissão de vosso poder: Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho.

Epístola

A epístola é do capítulo 4 da primeira do apóstolo São Pedro.

1 Pedro 4,12-16

> **Latim:** 12 Carissimi, nolite peregrinari in fervore, qui ad tentationem vobis fit, quasi novi aliquid vobis contingat : 13 sed communicantes Christi passionibus gaudete, ut et in revelatione gloriæ ejus gaudeatis exsultantes. 14 Si exprobramini in nomine Christi, beati eritis : quoniam quod est honoris, gloriæ, et virtutis Dei, et qui est ejus Spiritus, super vos requiescit. 15 Nemo autem vestrum patiatur ut homicida, aut fur, aut maledicus, aut alienorum appetitor. 16 Si autem ut christianus, non erubescat : glorificet autem Deum in isto nomine :

Português: 12 Caríssimos, não vos perturbeis no fogo da tribulação, que he para prova vossa, como se vos acontecesse alguma cousa de novo: 13 mas folgai de serdes participantes das penalidades de Christo, para que folgueis tambem com júbilo na apparição da sua gloria. 14 Se sois vituperados pelo nome de Christo, bemaventurados sereis: porque o que ha de honra, de gloria, e de virtude de Deos, e o espírito que he d'elle, repousa sobre vós. 15 Porém nenhum de vós padeça como homicida, ou ladrão, ou maldizente, ou cubiçador do alheiro. 16 Se elle porém padece como Christiano, não se envergonhe: mas glorifique a Deos neste nome:

Nota

«Logo que São Pedro foi livrado das prisões pelo anjo do Senhor, voltou a Roma no ano de 44, de onde escreveu esta epístola aos fiéis do Ponto, Bitínia, Galácia, Ásia e Capadócia, onde ele mesmo havia fundado algumas igrejas. Nela dá a Roma o nome de Babilônia por ser a corte do império e como o trono da idolatria. Foi copiada ou traduzida esta epístola pelo evangelista São Marcos,

discípulo especialmente querido de São Pedro. Está cheia de uma majestade apostólica e em poucas palavras encerra grandes sentidos.»

Reflexões

Nolite peregrinari in fervore, qui ad tentationem vobis fit, quasi novi aliquid vobis contingat. Tem muita razão o apóstolo São Pedro em prevenir aqueles fervorosos fiéis de que não estranhassem como coisa nova o acender-se contra eles o fogo da perseguição; antes, pelo contrário, seria muito estranho que, sendo tão fervorosos e tão santos como eram, deixassem de ser perseguidos. As contradições são o caráter das obras do Senhor, e as perseguições o são de seus verdadeiros servos. Que santo não passou por esta prova? Não é mais o servo que seu senhor, diz o mesmo Jesus Cristo [^1]. Se eu fui perseguido, também vós o sereis. Mau sinal se o mundo nos perdoasse. Choca a razão o ver como são tratados comumente os bons. Aqueles homens cheios do espírito de Deus, de uma caridade pura e sobrenatural, de uma intenção reta, que só estudam em cumprir com sua obrigação, que só se ocupam em fazer o bem que podem, estes são verdadeiramente respeitáveis por sua virtude; são dignos da estima pública por seus bons exemplos. Com tudo isso, estes são aqueles amigos de Deus de que não é merecedor o mundo, que o mundo não pode suportar; estes são aqueles heróis cristãos contra quem ladra a murmuração, a quem perseguem os ciúmes e cujo resplendor se esforça a calúnia em obscurecer. Que zombaria não se faz de sua reforma! Que satíricos, que mordazes chistes sobre seu circunspecto porte! Que interpretações malignas de suas exemplares ações! Que perseguições aleivosas contra seus zelosos intentos! Enquanto os mundanos, os dissolutos são celebrados e aplaudidos, enquanto desfrutam todas as honras, todas as doçuras da sociedade civil. *Sed communicantes Christi passionibus gaudete, ut et in revelatione gloriæ ejus gaudeatis exultantes*: Mas não importa, bendizei, almas justas, mil vezes ao Senhor porque se digna fazer-vos participantes de sua cruz e de seus trabalhos; alegrai-vos, regozijai-vos, e retifique vossa fé a vossa razão. Este fogo somente se acendeu para purificar vossa virtude; lembrai-vos de que não há maior honra que quando se padece alguma afronta, algum opróbrio em nome de Jesus Cristo; isto é, por seguir sua santa lei, suas máximas e seus conselhos: *Si exprobramini in nomine Christi, beati eritis.* Desenganemo-nos: as honras, a glória com que o mundo nos brinda nada têm de sólido, são quando muito umas ideias que na verdade nos lisonjeiam, mas que dependem de tantas causas, todas a qual mais caduca, a qual mais perecedoura, que não podem subsistir longo tempo. Não há glória verdadeira senão a que se funda na virtude cristã. Ainda que os homens recusem quanto quiserem a honra que se deve à virtude, nem por isso perde ela nada de seu mérito; tempo virá em que estes mesmos homens lhe façam justiça, em que lhe restituam o que lhe devem, em que confessem que foram néscios, que foram insensatos em buscar em outra parte sua glória e sua felicidade. Que gozo, meu Deus, para os bons quando se acabe a comédia que se representa neste grande teatro do mundo, quando se desvaneçam as erradas apreensões de que estamos preocupados, quando, reunidas todas as ideias, se conformarão à regra da boa razão! Que assombrados ficarão então muitos! Quantos exclamarão: Ó insensatos! Ó extravagantes! Ó loucos! Ó insensatos! Nós perseguimos o justo; e eis aqui que só ele merecia propriamente nossa estima, nossa veneração, nosso respeito.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 13 de São Marcos.

Marcos 13,9-13

> **Latim:** [9] Videte autem vosmetipsos. Tradent enim vos in consiliis, et in synagogis vapulabitis, et ante præsides et reges stabitis propter me, in testimonium illis. [10] Et in omnes gentes primum oportet prædicari Evangelium. [11] Et cum duxerint vos tradentes, nolite præcogitare quid loquamini : sed quod datum vobis fuerit in illa hora, id loquimini : non enim vos estis loquentes, sed Spiritus Sanctus. [12] Tradet autem frater fratrem in mortem, et pater filium : et consurgent filii in parentes, et morte afficient eos. [13] Et eritis odio omnibus propter nomen meum. Qui autem sustinuerit in finem, hic salvus erit.

Português: [9] Tende pois sentido comvosco: porque vos hão de entregar nos juízos, e vos hão de açoutar nas synagogas, e fazer comparecer por meu respeito diante dos governadores e dos reis, a fim de que perante elles deis testemunho de mim. [10] Mas primeiro importa que o evangelho seja prégado a todas as nações. [11] Quando pois vos levarem para vos entregarem, não premediteis no que haeveis de dizer: mas dizei o que vos for inspirado naquella hora: porque não sois vós os que fallais, mas sim o Espirito Santo. [12] Então hum irmão entregará á morte outro irmão, e o pai ao filho: e os filhos se levantarão contra os pais, e lhes darão a morte. [13] E vós sereis aborrecidos de todos por amor do meu nome. Mas o que perseverar até á fim, esse será salvo.

Meditação

Da perseverança

Primeiro ponto

Considera que não basta ter começado bem, nem sequer ter corrido felizmente uma parte da carreira; é preciso perseverar até o fim para salvar-se. No combate admira-se o valor; mas só ao que vence se cinge a coroa. Quem lança mão ao arado, diz o Salvador, e olha para trás, não é apto para o reino dos céus.

Quantos réprobos a quem muitos dias de inocência, e até muitos anos de fervor e de regularidade, prometiam assegurar a vida eterna gemem ao presente no inferno e choram sua falta de perseverança!

Nos predestinados não se busca o princípio, mas o fim. Judas acabou mal e começou bem; Paulo acabou bem e começou mal; por isso Judas é reprovado, e Paulo é elevado à glória. Meu Deus, que objeto mais digno de nossa atenção e de nosso temor! Do fim depende a sorte e a diferença dos homens na outra vida. Em vão teremos passado séculos inteiros no exercício de todas as virtudes; um só pecado mortal, e morrer neste pecado, basta para que Deus nos reprove, para estar eternamente em sua desgraça.

Bem-aventurado o homem, exclama o Sábio, que está sempre assustado com um santo temor: *Beatus vir, qui semper est pavidus* [^2]. Com quanta razão nos aconselha o Apóstolo que trabalhemos em nossa salvação com temor e tremor! E quão prudentes foram os santos, não só em desviar-se de toda ocasião de cair, mas em renovar cada dia seu fervor como se então começassem e em não voltar os olhos ao que haviam andado, mas ao que lhes restava andar!

Ainda de todos aqueles que vivem virtuosamente, que fazem estas reflexões, que seguem com maior perfeição os conselhos do Evangelho, somente se salvarão os que perseverarem até o fim. E depois disto, olhar-se-á muito a sangue-frio a inconstância na virtude, a perpétua variedade no fervor, a indevoção e talvez até as frequentes recaídas? Ah, Senhor, e que justo, mas que triste motivo de dor me está oferecendo a pouca perseverança que tive até aqui em vosso santo serviço!

Segundo ponto

Considera que, embora o dom da perseverança seja pura graça do Senhor, sempre é culpa nossa se não perseveramos. Não ignorava o Salvador a fraqueza do coração humano, nem a violência das tentações, nem a multidão dos perigos; antes acabava de fazer uma viva pintura disto a seus discípulos. Vossos parentes mais próximos vos perseguirão, o mundo vos olhará com horror, perpetuamente vos estará armando laços e estendendo redes. Mas também sabia este amável Salvador que a ninguém faltaria sua graça; por isso acrescenta imediatamente que ninguém se salvará, nem sequer daqueles mesmos que haviam confessado seu santo nome, senão o que perseverar até o fim: *Qui autem sustinuerit in finem, hic salvus erit.* Pois que deverão pensar de seu eterno destino aqueles cujas conversões estão interrompidas com tantas reincidências?

O caminho que nos conduz ao reino dos céus é a perseverança nos exercícios de uma vida cristã. Na verdade, este reino só se concede à perseverança final, que sempre é pura graça; mas como se perseverará até a morte se não se persevera durante a vida? Esses descaminhos tão frequentes não nos desviam do termo? E encontraremos este termo quando o buscarmos, se no fim da vida nos achamos muito distantes dele?

Ó insensatos gálatas! — gritava o Apóstolo —, quem vos fascinou, quem vos perverteu com uma espécie de encanto para que tão covarde e tão vergonhosamente abandonásseis o partido da virtude? Com quanta razão se poderia fazer a muitos a mesma pergunta! Que se fizeram aqueles santos propósitos, aquelas grandes traças, aquele plano de conversão e de reforma? Tu fizeste a Deus mil protestos ao pé dos altares; tu deste tantas palavras expressas aos confessores no santo tribunal da penitência; tu deverias ser agora muito regular e muito edificativo; mas és acaso melhor cristão? Não voltaste a ver aquela pessoa, escolho fatal de tua firmeza e de tua constância?

Não voltaste a meter-te naquelas ocasiões de tanto perigo para ti? Emendaste-te de todo nesses discursos livres, nessas conversações desregradas, ou ao menos atestadas de murmuração e faltas de caridade?

Havias lançado já os fundamentos de uma vida cristã e até espiritual; quem te impediu de levantar esse santo edifício? Esperava-se muito de uns princípios tão felizes, e num momento se desvaneceram todas essas esperanças. Se por fim se havia de parar nisto, para que foi fazer tanto ruído, adiantar tantos passos? Para que aproximar-te tanto da fonte das graças? Os motivos de tua primeira conversão ainda subsistem; os mesmos são hoje que então eram: *Christus heri, et hodie, ipse et in sæcula.* Quando dei palavra a Deus de olhar sempre com horror este pecado, de fugir da ocasião de cometê-lo, de entabular uma vida regular e fervorosa, cri firmemente que assim me ditava minha religião e minha consciência. Enganei-me acaso nisso? Não era o Espírito de Deus o que me fazia pensar e obrar daquela maneira? Meu Deus, que motivos tão poderosos, e até que auxílios tão eficazes para perseverar são estas mesmas reflexões! Pois por que não as farei e por que não me aproveitarei delas? Faço-as, Senhor, e por vossa graça as faço; não permitais que sejam inúteis; eu vos peço esta constância, esta firmeza, esta perseverança durante a vida, esperando que me concedais a graça de que se continue até a morte.

Jaculatórias

> *Perfice gressus meos in semitis tuis, ut non moveantur vestigia mea.* Sl 16.

Aperfeiçoai, Senhor, assegurai os passos que comecei a dar no caminho de vosso serviço, de tal maneira que nenhuma coisa do mundo seja capaz de fazer-me voltar pés atrás.

> *Quis nos separabit a charitate Christi?* Rm 8.

Ninguém será capaz de apartar-me do amor de meu Senhor Jesus Cristo.

Propósitos

1. Embora pareça certo, tanto pela vocação que nos previne como pela perseverança final que nos coroa, que a bondade que nos salva é totalmente gratuita, com tudo isso é fora de toda controvérsia que a reprovação sempre é obra de nossas mãos e que não há réprobo algum que, se tivesse querido, não pudesse perseverar em graça. Olha agora quanto te importa não perder um dom sem o qual todos os demais te são inúteis. O Senhor te fez a singular graça de voltar a pôr-te em carreira de salvação; corre de sorte que mereças o prêmio e a coroa. O meio eficaz é ser toda a

vida sumamente fiel nas mais miúdas observâncias da lei. Quem for fiel em coisas pequenas, diz Jesus Cristo, sê-lo-á também nas grandes [^3]. Quem despreza as miudezas, acrescenta o Sábio, cairá pouco a pouco [^4]. Uma goteira não é mais que uma goteira; mas com a continuação apodrece a madeira e pouco a pouco arruína toda a casa. Queres evitar o naufrágio? — diz São Boaventura —: pois não te contentes com evitar os escolhos; uma fresta mal calafetada por onde possa entrar a água imperceptivelmente basta e sobra para lançar a pique o navio. Queres estar longe das culpas graves? Pois aplica cada dia maior atenção, faze mais firme resolução de não incorrer nem sequer nas mais leves. Teme, de certa maneira, mais, por assim dizer com São Gregório Magno; teme mais, de certa maneira, estas culpas leves como mais perigosas que aquelas, embora mais funestas. Não darás grandes quedas enquanto tiveres muito cuidado de evitar até os tropeços. Se te achas no estado religioso, não há perigo de que quebrantes os votos enquanto guardares com a maior exatidão as menores regras. Se estás no século, observarás religiosamente os mandamentos enquanto te esforçares a seguir com fidelidade os conselhos. Faze hoje um novo propósito de não dispensar-te jamais nem sequer no mais mínimo exercício espiritual. A confissão no tempo assinalado pelo diretor, a visita ao santíssimo Sacramento, a lição espiritual, certas piedosas devoções com a santíssima Virgem e com o santo Anjo da Guarda, certas observâncias da religião, uma pureza de consciência que chegue a ser delicadeza: tudo isto, por assim dizer, juntamente com a virtude, nutre a perseverança. Estes atos de supererrogação são como as fortificações exteriores ou como as obras avançadas, que mantêm entretido o inimigo longe da praça. Destruindo-se o cercado, diz a Escritura, entra a serpente e morde [^5].

2. É a perseverança um dom de Deus tão precioso e tão necessário que se deve estar pedindo-o continuamente a sua Majestade. Por isso é uma devoção muito santa e muito importante a de fazer todos os dias na missa alguma oração particular, pedindo ao Senhor o dom da perseverança e singularmente a graça final, que é a que decide de nossa eterna sorte. Alguns servem-se da mesma oração que fazia o profeta Davi quando dizia a Deus: *Illumina oculos meos, ne unquam obdormiam in morte, nequando dicat inimicus meus: Prævalui adversus eum*: Abri-me, Senhor, os olhos, para que viva toda a minha vida tão desperto e tão atento aos laços que me arma meu inimigo que, evitando-os, não morra em desgraça vossa, nem ele tenha a maligna satisfação de gloriar-se de que me venceu. Outros, não contentes com fazer esta oração particular na missa, repetem muitas vezes durante o dia estas ou semelhantes palavras: Divino Salvador meu, dai-me graça para não desalentar jamais em vosso santo serviço e para perseverar até o fim em vosso divino amor.

[^1]: (Nota ausente no texto reconhecido pelo OCR.) [^2]: Pr 28. [^3]: (Nota ausente no texto reconhecido pelo OCR.) [^4]: (Nota ausente no texto reconhecido pelo OCR.) [^5]: (Nota ausente no texto reconhecido pelo OCR.)

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:59 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:59 by Admin